



Nº 1146 - Semanal  
0,50 €

21 Março 2002

# ACÇÃO SOCIALISTA

ÓRGÃO OFICIAL DO PARTIDO SOCIALISTA

Director António José Seguro Director-adjunto Silvino Gomes da Silva  
Internet [www.ps.pt/accao](http://www.ps.pt/accao) E-mail [accao.socialista@partido-socialista.pt](mailto:accao.socialista@partido-socialista.pt)



## PS ELEGEU 95 DEPUTADOS O TERCEIRO MELHOR RESULTADO DE SEMPRE

# A SEMANA REVISTA

O Partido Socialista elegeu 95 deputados nas legislativas do passado domingo. Aquém do objectivo traçado, o resultado dos socialistas constitui uma “derrota honrosa” como lhe chamou o secretário-geral do PS.

Ferro Rodrigues anunciou a sua recandidatura à liderança do PS e a realização de um congresso extraordinário nos próximos seis meses.

O Presidente da República, Jorge Sampaio, recebeu em audiências as direcções dos partidos políticos com assento parlamentar, tendo em vista a indigitação do próximo primeiro-ministro.

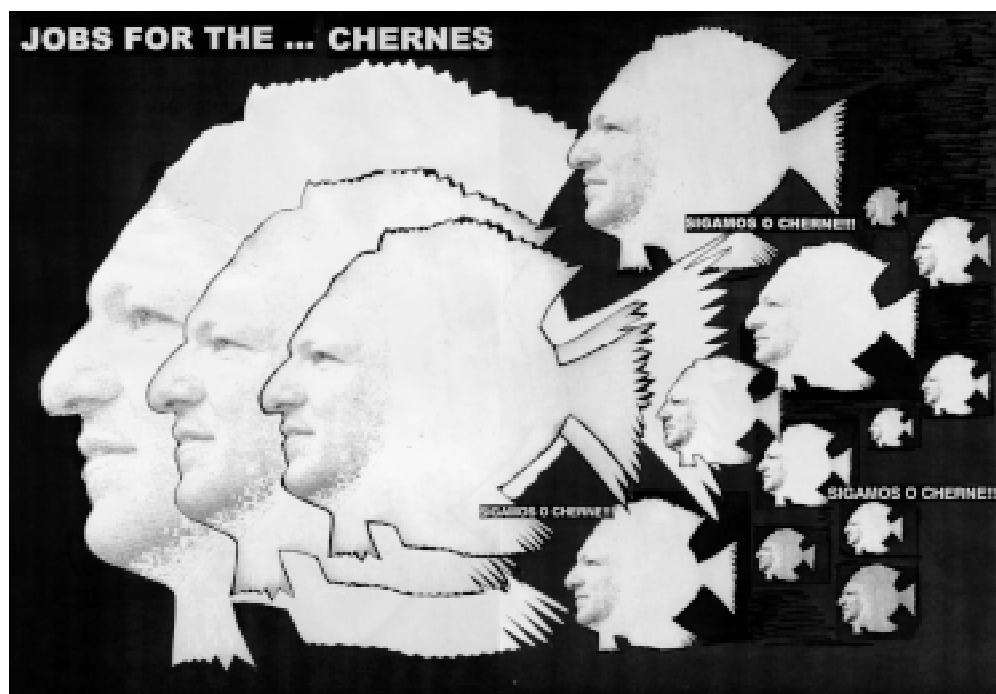
Em Barcelona teve lugar o Conselho Europeu da Primavera dedicado à análise da “Estratégia de Lisboa”. O primeiro-ministro, António Guterres, participou pela última vez neste forum, tendo sido alvo de rasgados elogios pelos seus homólogos europeus.

O primeiro-ministro, António Guterres, recebeu em audiência o seu homólogo de Cabo Verde, José Maria Dias.

Lionel Jospin, candidato socialista à Presidência da República francesa, apresentou o seu programa onde se destaca o combate ao desemprego e à pobreza.

A ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher sugeriu que o Reino Unido saísse da União Europeia, em artigo publicado no diário “Times”.

Os Estados Unidos deram por concluída a “Operação Anaconda” contra a Al-Qaeda no Afeganistão.



Fotomontagem **António Colaço**

**Pedir a Portas confidencialidade, solidariedade e lealdade para integrar o Governo é o mesmo que pedir ao lacrau que vá contra a sua própria natureza. Vamos todos ficar à espera da primeira vichyssoise para perceber melhor até que ponto as desconfianças nunca sanadas entre os dois partidos da direita permitem a existência de um Governo que se pretende estável e duradouro.**

EDITORIAL

## RESULTADO HONROSO

A confirmação da liderança Ferro Rodrigues com a sua declaração de recandidatura ao lugar de secretário-geral e o anúncio da convocação de um congresso extraordinário marcaram a noite eleitoral socialista que se saldou por uma "honrosa derrota" de acordo com a classificação do próprio líder do PS.

Ao contrário das autárquicas em que houve um claro sentimento de perda, o resultado das legislativas antecipadas foi recebido com tristeza, mas sem desalento, na justa medida em que o PS acabava de reconquistar os eleitores dos grandes centros urbanos, nomeadamente Lisboa, Porto, Coimbra e Setúbal, e continuava o partido mais votado em Castelo Branco, Beja, Évora, Portalegre, Faro, Santarém. Acresce o facto do PS ter obtido o terceiro melhor resultado de sempre em eleições legislativas e de se ter registado a mais pequena diferença de votos entre os dois partidos mais votados.

A unidade à volta do líder, a força demonstrada por Ferro Rodrigues, a grande mobilização do partido e a boa campanha realizada, nas difíceis circunstâncias que todos conhecemos, são o cimento a partir do qual o novo PS voltará erguer-se. Desde logo para dar combate às anunciadas políticas de direita que vão ser executadas nos próximos tempos, e depois para se reformar internamente e apresentar soluções credíveis para regressar em força à condução dos destinos de Portugal. Para isso terá de voltar a abrir-se à sociedade, recuperar os independentes da área socialista e lançar uma campanha de adesões de novos militantes de forma a permitir gerar uma dinâmica de renovação. Com esta perspectiva de renovação que todos pretendemos para o PS, só a vitória eleitoral de Ferro Rodrigues poderia ter sido o melhor resultado, impedindo-o, todavia, de proceder às necessárias modificações no funcionamento interno do partido que

face ao quadro actual terão mesmo de avançar.

A altíssima qualidade técnica e política da bancada socialista na Assembleia da República é o garante duma oposição credível, responsável e séria que fustigará o Governo, construindo ao mesmo tempo soluções alternativas à da aliança Barroso-Portas, um casamento de pura conveniência, sem nenhum amor, condenado ao divórcio, restando apenas saber quanto tempo vai durar. Pedir a Portas confidencialidade, solidariedade e lealdade para integrar o Governo é o mesmo que pedir ao lacrau que vá contra a sua própria natureza. Vamos todos ficar à espera da primeira vichyssoise para perceber melhor até que ponto as desconfianças nunca sanadas entre os dois partidos da direita permitem a existência de um Governo que se pretende estável e duradouro.

SILVINO GOMES DA SILVA



*Silvino Gomes da Silva*



## VICENTE JORGE SILVA FILIOU-SE NO PS

**Com o objectivo claro de dar o seu contributo pessoal para uma "renovação profunda", que traga de volta o PS "à sua matriz de esquerda", Vicente Jorge Silva inscreveu-se no nosso partido. Bem-vindo à família socialista.**

Manuel Alegre, Miguel Coelho e João Cunha. "Não fazia sentido ficar de fora", sublinhou, acrescentando que, se o PS tivesse ganho as eleições, talvez não se tivesse inscrito no partido.

"Já antes tinha interiorizado a ideia de me inscrever no PS, sobretudo, porque gostei muito de fazer a campanha eleitoral em Lisboa", referiu, sublinhando querer "contribuir para uma profunda renovação do partido", que o faça regressar "às suas raízes de esquerda democrática".

Será, explicou, "uma espécie de refundação do PS. Uma oportunidade que não deve ser desperdiçada".

O ex-director do "Público" acha que Ferro Rodrigues "está mesmo empenhado em concretizar essa profunda renovação, fazendo

com que o partido regresse à sua matriz de esquerda e reencontre os seus valores de defesa da justiça social, da solidariedade e da liberdade".

**Não serei um militante passivo**

O deputado socialista faz questão de afirmar que não está nos seus horizontes exercer qualquer cargo no PS mas poder ajudar a uma "mudança profunda em termos das pessoas que estão à frente do PS".

"Não serei um militante passivo ou uma flor de estufa", avisa, acrescentando: "Quero um jardim no PS, não um João Jardim, mas um jardim verdejante".

Respondendo ao apelo de Ferro Rodrigues na noite das eleições para que os independentes da área da esquerda democrática se tornassem militantes do

nosso partido, o ex-director do jornal "Público" Vicente Jorge Silva inscreveu-se na Secção do PS do Limoeiro, em Lisboa, e a sua ficha de adesão ao partido foi assinada por

J. C. C. B.



GP/PS 2002

# NOVOS ROSTOS SOCIALISTAS

O combate eleitoral do passado domingo traduziu-se na eleição de 95 deputados socialistas, dos quais 19 exercerão funções parlamentares pela primeira vez na próxima legislatura. O "Acção Socialista" contactou os novos rostos do GP/PS e inicia, nesta edição, a publicação de um espaço que vai dar conta das expectativas e das áreas de interesse dos deputados recém eleitos para São Bento. Apostados na transparência e no espírito de renovação, o Órgão Oficial do PS aproxima os eleitores socialistas da sua nova bancada e dá a conhecer três dos nossos novos protagonistas na Assembleia da República.

MARY RODRIGUES



VICENTE JORGE SILVA

## COMBATER ARROGÂNCIA DA DIREITA

Filiado de fresco no PS, Vicente Jorge Silva respondeu ao apelo lançado por Ferro Rodrigues e juntou-se aos que, na oposição socialista, pretendem travar a "política arrogante" do próximo governo de direita.

Prometendo ser um militante bastante activo, o jornalista de 56 anos, ex-director do jornal diário "Público", garante que entra na política, não para fazer carreira, mas "por espírito de serviço público".

Na opinião deste deputado eleito pelo círculo de Lisboa, a oposição em Portugal deverá ser muito dura e é possível que o conflito político se instale, com todas as responsabilidades que

isso tem para um parlamentar.

As "vestes" de deputado serão estreadas por Vicente Jorge Silva sob um clima de boas expectativas. É que, segundo comentou, "estar na oposição facilita as funções parlamentares", sem, contudo, retirar-lhes importância.

"A maioria de direita é perigosa para Portugal", afirma em tom convicto, ao mesmo tempo que incentiva o PS a uma "necessária renovação", apoiando-se "no score notável das últimas eleições legislativas".

O jornalista garantiu ainda que tudo fará para "combater feudalismos internos" no Partido Socialista, ao passo que, na arena parlamentar, mostra-se disponível a bater-se por uma "oposição rigorosa, vigorosa e responsável", dissuasiva da anulação dos logros e das políticas sociais implementadas pelo PS.

Entre as muitas áreas em que se diz pronto a colaborar, o jornalista destacou três de seu especial interesse. O primeiro sector de intervenção citado foi o da reforma do sistema político, a propósito da qual Vicente Jorge Silva se confessou partidário da compensação do

sistema uninominal com o sistema proporcional, equilíbrio que, no seu entender, "não prejudica a expressão dos pequenos partidos".

"Não haverá proximidade entre quem vota e quem é votado sem transparência", disse, assinalando a importância dos cidadãos não serem obrigados a eleger "listas fantasmas". As questões sociais, como a Interrupção Voluntária da Gravidez, outra área de interesse para o jornalista, sofreram uma intervenção "tímida" por parte do Governo de Guterres, atitude que facilitou o aproveitamento do Bloco de Esquerda (BE), que, sem perder tempo, fez desta matéria "puro folclore", arrecadando o voto do eleitorado jovem urbano.

É, pois, necessário, segundo Vicente Jorge Silva, deixar de arrastar a herança do passado e combater as investidas do BE.

A Madeira – região de onde é originário o jornalista –, sofreu, na opinião do futuro deputado, com a "distracção" da administração socialista, que "pactuou demasiado e durante muito tempo com o jardinismo, impedindo a renovação das estruturas regionais do PS".



VALTER LEMOS

## CONTRIBUTO PARA PORTUGAL

O professor Valter Lemos classifica as suas expectativas relativas às novas funções legislativas na Assembleia da República como "muito positivas". Afinal, sublinhou, "o deputado, no nosso sistema democrático parlamentar, é um elemento extremamente importante, sobretudo num contexto, como o que teremos em breve, em que o PS vai fazer oposição a um governo de direita.

Aos 45 anos, este docente universitário conta já com uma bagagem de experiência recolhida em hemiciclos regionais. Presidente da Assembleia

Municipal de Castelo Branco, círculo por onde foi eleito para o Parlamento nacional, Lemos aponta para duas áreas do seu interesse em que, considera, poderá "dar o seu contributo a Portugal".

Sendo uma pessoa ligada à Educação, e tendo participado na produção de alguma legislação vigente neste sector, o docente de Castelo Branco não hesitou em apontar algumas das linhas de intervenção que terá em atenção, nomeadamente a necessidade de não suspender e fazer avançar efectivamente a reforma curricular do Ensino Secundário.

Referindo-se à falta de formação profissional em Portugal, Valter Lemos frisou a importância da implementação de cursos de especialização tecnológica, em que se harmonizam os conhecimentos ministrados nas instituições de ensino e as exigências do mercado de trabalho,

em especial das empresas.

O reorganização do sistema de Ensino Superior, outro *dossier* pelo qual o professor mostra evidente interesse, passa pelo reajustamento das linguagens.

Para Valter Lemos, o problema dos politécnicos prende-se sobretudo com a forma e não com o conteúdo, havendo, portanto, um desperdício de recursos com a duplicação de estruturas (ensino universitário vs. Ensino politécnico) a ser corrigido. Quanto ao pré-escolar e ao 1º ciclo do Ensino Básico, o professor é favorável à continuidade dos investimentos encetados pela governação socialista de António Guterres, chamando a atenção para a urgência de uma boa gestão e distribuição dos recursos existentes.

Outras áreas de intervenção que Valter Lemos assinalou como sendo de seu particular interesse foram a Ciência e a Tecnologia.



LUÍS CARITO

## EM DEFESA DOS QUE MAIS PRECISAM

O novo rosto do Partido Socialista eleito pelo círculo de Faro é Luís Carito, médico de 45 anos, que pretende, convictamente, zelar pela defesa

dos princípios consagrados nas orientações programáticas do Partido, que subscreve como sendo igualmente seus.

Atendendo às necessidades das várias regiões do País, Carito conta entre as metas da sua futura prestação parlamentar, uma ajuda à criação das condições necessárias para o estreitamento dos laços de solidariedade entre os portugueses.

Luís Carito promete trabalhar na Assembleia da República em prol da discriminação positiva daqueles que, por serem mais desfavorecidos

social e economicamente, precisam de apoios específicos, geradores de condições de vida mais dignas.

Os princípios de democracia e cidadania consagrados no programa do Partido Socialista também estarão na base da actuação parlamentar do nóvel deputado da República, que inclui a saúde, a solidariedade, a segurança social e as relações entre Portugal e a União Europeia no leque das áreas de intervenção em que considera poder dar o seu melhor pelo País.

# O TERCEIRO MELHOR RESULTADO DE SEMPRE



Ferro Rodrigues, rodeado por centenas de militantes, aproveitou a conferência de Imprensa em que assumiu a derrota nas eleições legislativas para anunciar a sua recandidatura ao cargo de secretário-geral do PS e a convocação de um congresso extraordinário a realizar nos próximos seis meses.

"O PS terá um congresso bem preparado dentro de seis meses e é minha firme intenção recandidatar-me a secretário-geral do PS", afirmou o líder socialista, para quem o PS continuou a ganhar nos principais centros urbanos do País, vencendo nos distritos de Lisboa e do Porto. "Ganhámos no distrito de Lisboa, onde, curiosamente, o número um da lista pelo PS era eu e o número um da lista pelo PSD era Durão Barroso", sublinhou Ferro Rodrigues, que se mostrou convicto na recuperação de terreno em relação ao PSD, nas duas semanas de campanha eleitoral. "Se tivéssemos tido mais tempo e mais debates, estou convencido que o PS teria ido mais longe", observou, já depois de lembrar que o PSD "falhou o seu objectivo de atingir a maioria absoluta".

O secretário-geral do PS, Ferro Rodrigues, reconheceu que os socialistas não atingiram o

objectivo de vencer as eleições legislativas, mas considerou "honrosa" a derrota do partido. Tendo começado por felicitar a vitória do PSD nas eleições legislativas, afirmou que ainda não tinha dado os parabéns a Durão Barroso porque este "não atendeu o telefone".

"Perdemos as eleições para o PSD por pouco mais de dois por cento, mas não conseguimos o nosso objectivo que era vencê-las", observou o secretário-geral socialista. De acordo com Ferro Rodrigues, "depois de seis anos de Governo, o PS conseguiu um dos melhores resultados de sempre em eleições legislativas". "No entanto, acrescentou, como as eleições foram bipolarizadas, o PS acabou por perdê-las, embora com um resultado honroso, sobretudo dadas as circunstâncias em que partiu para a campanha eleitoral."

Sobre a futura actuação do PS na oposição, Ferro Rodrigues adiantou que os socialistas "não abdicarão de defender os seus princípios e não permitirão qualquer recuo social no País", nem passarão "cheques em branco ao PSD".

## Oposição construtiva e responsável

Ferro Rodrigues considerou "normal" que a

"direita governe o País" e que o líder do PSD seja indigitado primeiro-ministro, garantindo que o PS aposta na renovação interna e será "oposição construtiva e responsável".

À saída da audiência de ontem com o Presidente da República, Jorge Sampaio, na sequência das legislativas, o líder socialista afastou qualquer hipótese de um governo de "bloco central", frisando que os "únicos acordos lógicos serão entre o PSD e o CDS/PPP", tendo em conta os resultados eleitorais.

Ferro Rodrigues afirmou que o PS será "sem dúvida" um partido de oposição "construtiva e responsável", manifestando a disponibilidade para entendimentos com o próximo Governo em questões de defesa, Europa, reformas institucionais e política financeira.

Quanto à política financeira, Ferro Rodrigues foi claro ao afirmar que "há margem de manobra para entendimentos", mas se o PSD "avançar com o choque fiscal que ponha em causa o Pacto de Estabilidade, e a Segurança Social, a oposição do PS poderá não ser tão construtiva".

"Há uma parte invisível no programa do PSD que se mantém invisível e que só na apresentação do programa de governo se tornará visível", declarou Ferro Rodrigues à

semelhança do que disse durante a campanha eleitoral.

Questionado sobre uma maior convergência entre a esquerda no Parlamento, o líder do PS disse que o partido vai entrar num processo interno de renovação, de abertura aos independentes e de melhoria dos estatutos e espera que os outros partidos façam o mesmo. "Se houver lugar, mais à frente, a um melhor entendimento logo se verá. Mas, isso não depende de nós", afirmou o secretário-geral do PS à saída do Palácio de Belém.

## Reunião da Comissão Política

A Comissão Política Nacional do PS reúne-se esta quinta-feira à noite, para analisar os resultados das eleições legislativas e dar o primeiro passo para o congresso extraordinário. Depois do secretário-geral do PS se ter deslocado ao Palácio de Belém para a audiência com o Presidente da República, Jorge Sampaio, a quem transmitiu a posição dos socialistas face à actual conjuntura política, compete agora aos comissários nacionais a afinação da estratégia no quadro da oposição democrática parlamentar.



ENTREVISTA

# SOARES PREOCUPADO COM VAGA DE DIREITA NA EUROPA

Mário Soares, em entrevista ao diário francês "Le Figaro", diz estar preocupado com a vaga de direita na Europa, elogia Jospin e critica Blair e Schroeder, e mostra-se convicto de que se as eleições em Portugal fossem realizadas uma semana depois, dariam a vitória o PS e não ao PSD.



Numa análise aos resultados das eleições legislativas de domingo, o fundador do PS explicou que as decisões infelizes e "as hesitações (do Governo socialista) provocaram o desgosto dos portugueses", o que resultou no mau resultado das autárquicas e no facto do PS ter partido "em situação de inferioridade" para as legislativas.

Na entrevista, Soares não poupa elogios à actuação e postura de Ferro Rodrigues, considerando que se as eleições se realizassem uma semana mais tarde, os socialistas teriam levado de vencida o PSD. Noutro plano, o eurodeputado socialista referiu-se a um "vento da direita que sopra na Europa" e que "vem talvez dos Estados Unidos, depois

da vitória de George W. Bush. Mas não é mais que um furacão. Espero que a Europa possa resistir".

Soares aponta o Governo de Lionel Jospin como um bom exemplo do que é um Governo de esquerda, já que aplicou "as 35 horas semanais de trabalho, medidas de luta contra o desemprego e muitas reformas sociais".

Por outro lado, tece duras e justas críticas a Blair e à sua "Terceira Via" e a Schroeder e ao seu "Novo Centro", que liderando partidos de esquerda, têm na prática levado a cabo políticas de direita no Reino Unido e na Alemanha. "É lógico que os eleitores pensem: 'Para termos uma política de direita, mais vale elegermos um partido de direita'", disse.

ANTÓNIO COSTA

# SANTANA LOPES MENTIU AO PAÍS

Sabíamos que havia quem tivesse mau perder. Agora ficámos a saber que há também quem tenha mau ganhar e que venha para a praça pública mentir e mostrar toda a sua arrogância na hora da vitória.

O dirigente socialista António Costa acusou na noite das eleições Pedro Santana Lopes de ter mentido ao País ao dizer que o PS ainda não tinha felicitado o PSD pela vitória nas legislativas.

«É inaceitável que Pedro Santana Lopes tenha acabado de mentir ao País», acusou António Costa, justificando que o líder socialista Ferro Rodrigues tentou felicitar telefonicamente Durão Barroso, mas não conseguiu falar com ele.



Costa explicou que Ferro Rodrigues tentou por duas vezes contactar telefonicamente Durão Barroso, lamentando que este não tenha tido disponibilidade para atender o líder socialista.

**Coacção e arrogância do PSD/Leiria**

O líder da distrital do PSD/Leiria deu sinais preocupantes de défice democrático intolerável, ao querer coagir as pessoas que votaram PS nas eleições de domingo. Alberto João Jardim começa a fazer escola nas hostes laranja.

Numa conferência de imprensa na terça-feira, o cabeça-de-lista do PS por Leiria, António

Costa, denunciou o comportamento lamentável do líder distrital laranja, de seu nome Barreiras Duarte, que, na véspera, tinha lamentado a opção de uma "pseudo-elite de Leiria" pelo PS. Segundo o dirigente socialista, estamos perante "um sinal preocupante de arrogância de alguém que se arroga criticar os exercícios de liberdade e de cidadania", acrescentando ser "uma tentativa inadmissível de coacção sobre as pessoas no uso dos direitos individuais".

António Costa sublinhou ainda tratar-se de um "sinal preocupante por parte de um partido que ganhou com dois pontos de diferença", especulando sobre "o que aconteceria se tivesse ganho por maioria absoluta".

JOSÉ SÓCRATES

# VITÓRIA SOBRE O PÁRA-QUEDISMO MEDIÁTICO

A competência, a experiência e o conhecimento da realidade do distrito de Castelo Branco nas mais variadas áreas foram mais que suficientes para derrotar o pára-quedismo mediático, completamente desfasado da realidade.

O cabeça-de-lista do PS em Castelo Branco, José Sócrates, considerou que a sua vitória sobre a jornalista da RTP Maria Elisa (PSD) como "uma recusa do pára-quedismo".

A vitória eleitoral em Castelo Branco é, acrescentou, "a consagração dos candidatos a deputados que lá estão".



O PS manteve a maioria dos deputados pelo distrito ao eleger três deputados contra dois do PSD.

**Elisa: turista accidental**

José Sócrates, ministro cessante do Ambiente, venceu o confronto eleitoral com a mediática candidata Maria Elisa, uma espécie de turista accidental no distrito, mas muito profissional a defender as cores de um partido que durante o consulado do seu então chefe Cavaco Silva (1985-1995) ostracizou por

completo o distrito de Castelo Branco.

José Sócrates, que falava aos jornalistas na noite das eleições na sede de campanha do PS em Lisboa, considerou que o PS teve no distrito de Castelo Branco "uma vitória expressiva" e declarou que a votação no resto do país é excelente para "seis anos de Governo".

"A vitória em Castelo Branco sabe melhor", afirmou o ministro do Ambiente socialista, justificando os resultados com a "notabilíssima" obra feita e os "investimentos públicos" na região que "há muito eram reclamados".





O PS/Porto reclamou na segunda-feira, pela voz do seu líder Narciso Miranda, a vitória no distrito nas legislativas, por ter obtido mais votos e mais deputados do que o PSD. "Noventa dias depois das autárquicas, recuperámos o eleitorado perdido e o estatuto

de partido mais votado. Se fossem aplicadas agora as leituras políticas feitas em Dezembro, provavelmente alguns autarcas teriam de se demitir", afirmou o camarada Narciso Miranda. O líder da distrital do PS/Porto, em conferência de Imprensa, aludiu aos casos dos presidentes

**NARCISO MIRANDA**

## PS OBTEVE NO PORTO MAIS VOTOS E DEPUTADOS QUE O PSD

das câmaras do Porto ("onde o PS obteve uma significativa vitória"), e de Gaia, para concluir que essa extrapolação das leituras de Dezembro levaria a "alterações do mapa eleitoral". Narciso Miranda frisou repetidamente, porém, que não estava a comparar resultados entre autárquicas e legislativas.

"Não estou objectivamente a pedir a demissão de Rui Rio", explicou Narciso Miranda.

**Pacheco Pereira e o bilhete para Bruxelas**

Tanto Narciso como Alberto Martins justificaram a conferência de Imprensa para comunicar o

que consideraram "óbvio" - a vitória do PS, contra a "manipulação dos números" pelo líder distrital do PSD, um "derrotado", e por Pacheco Pereira, que "ninguém sabe se lutou nas eleições por uma vitória ou se por um bilhete de regresso para Bruxelas".

Ambos os dirigentes garantiram ainda não terem tido quaisquer expectativas de subida eleitoral do PS devido à polémica criada em torno do Plano de Pormenor das Antas.

Alberto Martins realçou que se em 2001 o PS perdeu as grandes cidades agora ganhou votos, enquanto Narciso Miranda sublinhou que o partido "recuperou o estatuto de principal partido".

**RUI CUNHA**

## "ONDA DE MUDANÇA" NÃO PASSOU NO BAIXO ALENTEJO

O cabeça-de-lista do PS pelo círculo de Beja, Rui Cunha, salientou que a reeleição de dois deputados socialistas significa que a "onda de mudança" registada no resto do País não passou no Baixo Alentejo, que continuou a eleger o PS como a maior força política, num claro reconhecimento do trabalho feito pela região durante os seis anos de Governo de António Guterres.

"Registámos uma descida de votos, que é

perfeitamente natural. No entanto, a manutenção de dois deputados pelo PS significa que, no distrito, a tendência de mudança foi invertida durante a campanha", disse.

Em 1999, pelo círculo de Beja, o PS obteve 46,7 por cento dos votos, descendo agora a sua percentagem para 43,52, embora o cabeça-de-lista e o número dois socialista (Luís Miranda) tenham sido eleitos para a Assembleia da República.



**VILA REAL**

## PS SATISFEITO COM RESULTADOS NO DISTRITO

O PS/Vila Real está satisfeito com os resultados eleitorais alcançados no distrito, sublinhando que "o mais importante destas eleições foi a confirmação do PS como força com um forte peso eleitoral no distrito. A eleição de dois deputados (Ascenso Simões, presidente da Federação, e Pedro Paiva Silva, que exerceu até agora as funções de secretário de Estado do Ordenamento do Território e da Conservação da Natureza) é a comprovação de que o PS fez uma campanha coerente, com propostas que foram acolhidas por muitos milhares de cidadãos".

Segundo os socialistas vila-realenses, "a arrogância do PSD, que se verificava há algum tempo, e que ia no sentido de fazer crer aos eleitores que o PS iria perder um dos seus dois assentos na Assembleia da República, não lhe trouxe vantagens".

Por esse facto, adianta o comunicado, "importará atribuir ao PS distrital um 'desaire eleitoral' por incapacidade para atingir o objectivo traçado. Apesar de ter tido 'a posse de bola durante a maior parte do tempo do jogo', o PSD do distrito de Vila Real não conseguiu mais do que um empate com os resultados de 1999".

MIRANDA CALHA

## VITÓRIA EM PORTALEGRE ESTÁ RELACIONADA COM TRABALHO DO GOVERNO

O cabeça-de-lista do PS pelo distrito de Portalegre, Miranda Calha, reeleito deputado, relacionou a vitória eleitoral socialista no distrito com o trabalho desenvolvido pelo Governo desde 1995.

“É com grande alegria que encaro os resultados obtidos pelo PS no distrito de Portalegre”, disse. Para Miranda Calha, apesar do PS ter perdido votos para o PSD, o importante foi conseguir

“manter uma maioria absoluta” no distrito. Para o candidato socialista, “o PSD sai claramente derrotado com a aposta que fez no círculo eleitoral de Portalegre”.

“O PSD conseguiu eleger um deputado mas, na prática, vai perdê-lo”, ironizou Calha, referindo-se a Leonor Bezeza e ao facto de a candidata laranja não ser natural do distrito de Portalegre.



MAXIMIANO MARTINS

## SÓ É DERROTADO QUEM DESISTE DE LUTAR

O cabeça-de-lista do PS pelo círculo da Madeira, Maximiano Martins, considerou que “em democracia, só é derrotado quem desiste de lutar”. Maximiano Martins reagiu assim ao facto de o nosso partido ter perdido para o PSD um dos cinco deputados eleitos pela Região à Assembleia da República.

Em 1999, o PS alcançou 35,05 por cento dos

votos enquanto agora nestas eleições atingiu os 25,64 por cento.

Maximiano Martins sublinhou: “Convivo bem com alternância democrática.” Salientou ainda que o PS-Madeira “fez uma campanha séria e com ideias”, afirmando que se estresseu na política na sua terra natal “por imperativo de consciência”.

CARLOS CÉSAR

## COLABORAREI COM QUEM AJUDAR OS AÇORES

Na noite das eleições, antes de serem conhecidos os resultados, o chefe do Governo Regional dos Açores, o socialista Carlos César, manifestou-se disposto a colaborar com o Governo que saísse das eleições.

Carlos César afirmou que o PS/Açores será um “fiel” colaborador de quem se compreender e ajudar o arquipélago.

“Estimo que o próximo Governo possa

empreender com sucesso os seus propósitos, sem colocar em causa a unidade nacional e a coesão económica”, disse Carlos César, que falava na sede de campanha do PS nos Açores.

Neste sentido, o chefe do Governo Regional dos Açores garantiu que “será um fiel colaborador de quem compreender, defender e ajudar o arquipélago”.

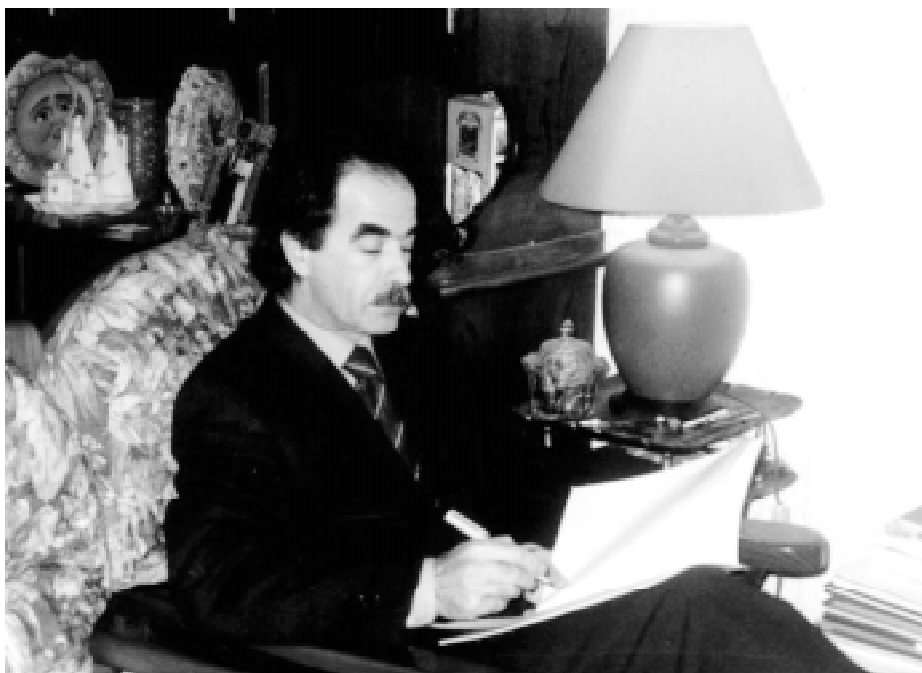




JOSÉ MANUEL MANTA

# GOVERNO DO PS FOI AQUELE QUE MAIS FEZ PELO ALENTEJO

**“Nunca ninguém fez tanto pelo Alentejo como o Governo do PS, liderado por António Guterres”, afirma peremptório o camarada José Manuel Manta, presidente da Comissão Política Concelhia de Aljustrel e membro do Secretariado da Federação de Beja. Este camarada, que elegera Mário Soares e Olof Palme como os seus políticos de referência, considera que o PS obteve no Baixo Alentejo “um bom resultado”, apesar das circunstâncias adversas.**



José Manuel Manta não poupa elogios à acção dos governos de António Guterres no que respeita ao Alentejo. “Nunca nenhum Governo fez tanto pelo Alentejo. O Alqueva, um sonho de décadas tornado realidade, o aproveitamento civil da base área de Beja, e o Porto de Sines, na sua versão de cargas e contentores, são três exemplos paradigmáticos de pólos de desenvolvimento sustentado para a nossa região”.

“Que diferença, se compararmos com os dez anos de consulado cavaquista, em que o Alentejo, a exemplo de outras regiões do País, foi completamente ostracizado”, sublinha.

Militante da Secção de Aljustrel desde 1994, refere que aquela estrutura tem procurado, através da acção política, criar condições para que o PS seja a primeira força política nesta zona mineira onde o PCP está fortemente implantado. “Nas cinco freguesias do concelho, o PS já tem três presidências”, refere, adiantando que este avanço se deve ao esforço dos militantes e simpatizantes e às propostas credíveis que os candidatos autárquicos do PS têm apresentado às populações.

“O PS/Aljustrel tem vindo a reivindicar uma diversidade de investimentos para o concelho, de forma a não estarmos tão dependentes da mina de Aljustrel, o que é extremamente perigoso”, refere, adiantando, no entanto, que actualmente há um cenário favorável para a reabertura da mina.

Sempre atento à vida interna do partido, José

## PREFERÊNCIAS



Político nacional  
**Mário Soares**

Político estrangeiro  
**Olof Palme**

Acontecimento nacional  
**25 de Abril**

Acontecimento internacional  
**Queda do Muro de Berlim**

Livro  
**“Memorial do Convento”**

Escritor  
**José Saramago**

Filme  
**“Titanic”**

Músico  
**Mozart**

Manuel Manta está particularmente satisfeito com o novo secretário-geral do PS, a quem não poupa elogios. “Ferro Rodrigues demonstrou, enquanto ministro, toda a sua competência, nomeadamente tirando a Segurança Social da quase falência em que se encontrava, e lançando uma nova geração de políticas sociais que tiveram resultados bastante positivos no combate à pobreza e exclusão social”.

### Bom resultado do PS no baixo Alentejo

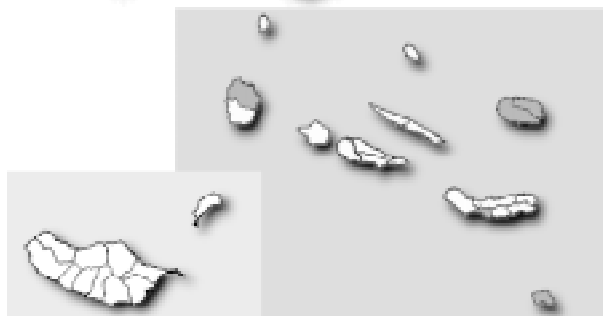
Quanto às eleições legislativas, afirma: “Não ganhámos, mas julgo que face às circunstâncias adversas em que o PS partiu para estas eleições Ferro Rodrigues fez um excelente trabalho e, muito importante, considero que estão criadas condições para que o PS faça uma oposição credível e se perfille como a grande alternativa de esquerda ao Governo de coligação de direita, PSD/PP”.

Relativamente aos resultados alcançados pelo nosso partido no Baixo Alentejo, José Manuel Manta realça que “mantivemos o mesmo número de deputados, o que é bom”, acrescentando: “O PS aguentou bem.”

J. C. CASTELO BRANCO

# RESULTADOS ELEITORAIS

21 de Março de 2002



**CÍRCULO ELEITORAL AÇORES**

VOTOS 36788  
40,96 %  
MANDATOS 2



Medeiros Ferreira



Luís Fagundes Duarte

**CÍRCULO ELEITORAL AVEIRO**

VOTOS 123536  
33,51%  
MANDATOS 5



João Cravinho



Maria de Belém Roseira



Antero Gaspar



Rosa Albernaz



Afonso Candal

**CÍRCULO ELEITORAL BEJA**

VOTOS 35812  
43,52%  
MANDATOS 2



Rui Cunha



Luís Miranda

**CÍRCULO ELEITORAL BRAGA**

VOTOS 170554  
37,65%  
MANDATOS 8




Elisa Ferreira




José António Vieira da Silva




António Braga




Sónia Fertuzinhos




Fernando Moniz



Laurentino Dias



Ricardo Gonçalves



Teresa Venda

**CÍRCULO ELEITORAL BRAGANÇA**



VOTOS 25190  
29,72%  
MANDATOS 1



Armando Vara

**CÍRCULO ELEITORAL CASTELO BRANCO**



VOTOS 55149  
46,07%  
MANDATOS 3



José Sócrates



Fernando Serrasqueiro



Valter Lemos

**CÍRCULO ELEITORAL COIMBRA**



VOTOS 96795  
41,32%  
MANDATOS 5



Almeida Santos




Fausto Correia



João Rui de Almeida



Helena Roseta



Vítor Batista.

**CÍRCULO ELEITORAL ÉVORA**



VOTOS 38907  
42,74%  
MANDATOS 1



Luís Capoulas Santos

**CÍRCULO ELEITORAL FARO**



VOTOS 75191  
40,48%  
MANDATOS 4



José Apolinário



Jamila Madeira



Maria do Rosário Carneiro



Luís Carito

**CÍRCULO ELEITORAL GUARDA**



VOTOS 34979  
34,69%  
MANDATOS 2



Joaquim Pina Moura



Fernando Cabral

**CÍRCULO ELEITORAL LEIRIA**



VOTOS 70384  
29,46%  
MANDATOS 3



António Costa



Osvaldo Castro

**CÍRCULO ELEITORAL LISBOA**



VOTOS 440729  
38,65%  
MANDATOS 20



Eduardo Ferro Rodrigues



Jaime Gama



Manuel Alegre



Edite Estrela



Jorge Coelho



João Soares



António José Seguro




Maria do Carmo Romão



Vicente Jorge Silva



Vera Jardim



Leonor Coutinho




Miguel Coelho



Acácio Barreiros



José Augusto de Carvalho



Rui Vieira



Custódia Fernandes



Ramos Preto



António Galamba



Alberto Arons de Carvalho



Celeste Correia

# RESULTADOS ELEITORAIS

21 de Março de 2002

**CÍRCULO ELEITORAL MADEIRA**



VOTOS 32124  
25,64%  
MANDATOS 1



Maximiano Martins

**CÍRCULO ELEITORAL PORTALEGRE**



VOTOS 30435  
45,03%  
MANDATOS 2



Miranda Calha



Zelinda Semedo

**CÍRCULO ELEITORAL PORTO**



VOTOS 386523  
41,24%  
MANDATOS 17



Alberto Martins



José Lello



Francisco Assis



Teresa Lago



Fernando Gomes



Guilherme de Oliveira Martins



Augusto Santos Silva



Manuela de Melo



Manuel Maria Carrilho



Alberto Costa



José Magalhães



Isabel Pires de Lima



Strecht Ribeiro



José Saraiva



Renato Sampaio



Paula Cristina



Nelson Cunha

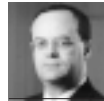
**CÍRCULO ELEITORAL SANTARÉM**



VOTOS 93168  
38,38%  
MANDATOS 4



Jorge Lação



Vitalino Canas



Nelson Baltazar



Luisa Portugal

**CÍRCULO ELEITORAL SETÚBAL**



VOTOS 154938  
39,29%  
MANDATOS 7



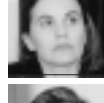
Paulo Pedroso



Alberto Antunes



Joel Hasse Ferreira



Maria Santos



Eduardo Cabrita



Vítor Ramalho



Aires de Carvalho

**CÍRCULO ELEITORAL VIANA DO CASTELO**



VOTOS 49120  
35,28%  
MANDATOS 3



Marques Júnior



Rosalina Martins

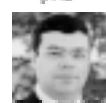


Fernando Cabodeira

**CÍRCULO ELEITORAL VILA REAL**



VOTOS 40630  
31,84%  
MANDATOS 2



Ascenso Simões



Silva Pereira

**CÍRCULO ELEITORAL VISEU**



VOTOS 64831  
31,12%  
MANDATOS 3



José Junqueiro



Ana Benavente



Miguel Ginestal

CONSELHO EUROPEU

# ESTRATÉGIA DE LISBOA CONSAGRADA EM BARCELONA

A Europa disse não às tendências mais liberalizadoras que chegaram a defender uma flexibilização drástica do mercado de trabalho comunitário para estimular a economia e recuperar competitividade. Na cimeira europeia, que decorreu em Barcelona nos dias 15 e 16, registaram-se alguns avanços em matéria social.

O encontro visava incutir uma nova dinâmica às decisões encetadas na passada cimeira de Lisboa, com vista à modernização da economia e geração de emprego, perante sinais de que a Europa tem perdido alguma energia política. O objectivo dos líderes reunidos em Barcelona era, pois, reanimar a "estratégia de Lisboa", lançada há dois anos por iniciativa do primeiro-ministro português, António Guterres, para fazer da Europa, em 2010, a zona mais competitiva do mundo, sem perder no caminho a coesão social.

Após um prolongado confronto entre a linha liberalizadora, centrada no Reino Unido, Itália e Espanha, e outra de orientação mais social, onde Portugal se inclinou, os Quinze acabaram por sustentar a importância do aumento da produtividade e da flexibilidade da organização do trabalho mas também deram relevo à formação ao longo da vida, à promoção da aprendizagem de novas tecnologias e à participação das mulheres no mercado laboral. Segundo António Guterres, nesta cimeira foi feito um notável esforço para dinamizar a agenda de Lisboa e conseguiu-se "garantir que a flexibilidade não seja igual a precariedade". Guterres congratulou-se, assim, com a manutenção do equilíbrio entre as reformas económicas e as preocupações sociais de Lisboa. Os Quinze defenderam a simplificação de toda a estratégia de emprego, o reforço do papel dos parceiros sociais e a promoção da empregabilidade. Na cimeira, consagrou-se ainda a reforma dos sistemas fiscais e de prestações: no caso de cortes nos impostos, a UE sustenta que deve ser dada prioridade aos salários mais baixos.

O papel das mulheres no mercado de trabalho foi apreciado com a eliminação dos desincentivos à sua participação, ao mesmo tempo que ficou consagrada a necessidade de serem criadas mais estruturas de acolhimento para crianças.

Relativamente à questão das reformas, ficou decidido, até 2010, o aumento da idade efectiva em cinco anos, a par do desencorajamento de esquemas de reforma antecipada e a flexibilização da passagem à reforma.

Os Quinze também decidiram aumentar a despesa em investigação e desenvolvimento até três por cento do Produto Interno Bruto europeu em 2010, com dois terços na componente privada.

No futuro será estudado um cartão europeu de Seguro de Saúde com uma simplificação administrativa sem alteração de direitos.

Quanto à reforma institucional da UE, os líderes dos países-membro deram especial atenção à



**Modernizar e relançar a economia da União Europeia (UE) sem lesar o modelo social é o equilíbrio aceite e estabelecido já pelos Quinze. Até 2010, a UE prevê concretizar algumas medidas das quais se destacam a formação profissional ao longo da vida, a aprendizagem de novas tecnologias e o aumento da idade da reforma em cinco anos.**

proposta apresentada por Javier Solana e decidiram a elaboração de um relatório sobre o funcionamento do Conselho Europeu.

Na Cimeira de Barcelona não se inventou uma nova política económica, social e ambiental. O cômputo final deste encontro traduziu-se, sim, na avaliação dos progressos realizados na agenda Lisboa e no reforço dos pontos que eram necessários.

Salvar a face

O Conselho Europeu aprovou sábado a liberalização do mercado eléctrico e de gás para a indústria em 2004.

A abertura de todo o mercado, que deverá incluir também os clientes particulares, ficou, por agora, adiada e sujeita a futuras negociações. A presidência espanhola da UE ansiava por

concluir a negociação de uma abertura total, mas a França levantou reservas.

Assim, o equilíbrio entre os desejos de uns e de outros permitiu que todos pudessem "salvar a face", incluindo o chefe do Governo espanhol. Também António Guterres salientou que se conseguiram "saltos qualitativos em aspectos muito importantes, desde a própria energia a aspectos como a tecnologia ou a educação". "Barcelona representa a consagração da estratégia de Lisboa", declarou.

No referente à energia, Guterres apoiou as exigências francesas sobre garantias de serviço público e segurança.

Este Conselho Europeu decidiu igualmente que seja lançado, até à reunião da Primavera de 2003, um conjunto de novas medidas, que sirvam para definir "as obrigações de serviço público, segurança do aprovisionamento e protecção dos grupos populacionais mais vulneráveis".

Ainda em Barcelona ficou decidida "a obtenção de um nível de ligações eléctricas de dez por cento da capacidade de produção até 2005".

Este acréscimo de ligações de alta tensão no espaço europeu é fundamental para que a liberalização seja efectiva e, por exemplo, as empresas concorrentes da EDF (francesa) possam entrar no mercado gaulês.

Depois de Barcelona, os consumidores industriais da UE passarão a poder escolher, em 2004, os seus fornecedores de gás e electricidade. A abertura do sector energético europeu a consumidores domésticos ficou adiada para dentro de um ano, quando se fará um "exame" sobre a "oportunidade" de uma tal medida.

MARY RODRIGUES

## GUTERRES DESPEDE-SE E RECEBE ELOGIOS

Barcelona foi a "consagração da estratégia de Lisboa", sendo essa é a "marca indelével que Portugal deixa na construção europeia". Foi desta forma que o primeiro-ministro português cessante, António Guterres, se despediu politicamente das cimeiras europeias.

Guterres fez, assim, o balanço do Conselho Europeu, o último em que participou, e cuja principal missão foi justamente consolidar a agenda de reformas económicas e sociais lançada em Lisboa, há dois anos.

O governante não quis deixar "conselhos" para quem lhe vier a suceder à mesa dos líderes europeus, mas não deixou passar a oportunidade de frisar o que significou, para ele, "a defesa intransigente dos interesses portugueses" nos seis anos em que participou no Conselho Europeu. "A Europa progride hoje tendo em conta uma marca portuguesa e é essa a única maneira de podermos defender os nossos interesses - ter uma visão global da Europa e do seu futuro, coerente com os nossos interesses."

Da sua experiência, o chefe de Governo confessou que viveu o seu momento mais difícil na cimeira de Nice, em Dezembro de 2000.

Foi nela que os Quinze regatearam a nova repartição de poder nas instituições da União a que o alargamento obriga, deixando os pequenos países numa situação difícil.

Quanto às decisões de Barcelona sobre o relançamento da agenda de Lisboa, Guterres manifestou-se satisfeito pelo facto das conclusões da cimeira preservarem um equilíbrio, que considerou "essencial", entre uma vertente mais virada para as reformas económicas e outra destinada a salvaguardar o que há de fundamental no "modelo social europeu".

O primeiro-ministro, António Guterres, teve direito a uma saudação especial de despedida do seu colega espanhol, José Maria Aznar.

No final da Cimeira de Barcelona, alguns dos líderes europeus não pouparam a elogios ao papel e ao convívio com Guterres, com o chefe do governo sueco, Goran Persson, a recordar o trabalho desempenhado na Cimeira de Lisboa e a mostrar-se convicto de que "ainda virá a desempenhar um papel importante na construção da Europa".

O primeiro-ministro luxemburguês, Jean-Claude Juncker, considerou que Guterres "foi, e será sempre um amigo e um cúmplice".

O primeiro-ministro belga Guy Verhofstadt recordou a cimeira de Nice, em 2000, onde, com António Guterres, resistiu até ao último momento a propostas de reforma institucional consideradas lesivas para os pequenos países.

M.R.

**CIMEIRA DA UE**

# OLHAR EUROPEU SOBRE O MUNDO

O Conselho Europeu de Barcelona não se manteve alheio aos problemas internacionais, como é de sua tradição. A aproximação de Washington às posições que a Europa defende para o regresso ao diálogo político entre Israel e a Palestina e o regresso americano ao Médio Oriente facilitou o consenso, aliviando a preocupação dos Quinze.

O sucesso alcançado pelo alto representante da política externa europeia, Javier Solana, na obtenção de um novo acordo entre a Sérvia e o Montenegro trouxe boas notícias dos Balcãs.

Já a obstrução grega a que a UE conclua o acordo com a NATO para estabelecer o quadro das relações entre as duas organizações, levou o chefe de Governo espanhol, no final do Conselho, a um desabafo que resume bem a situação da Europa em matéria de política de Defesa: "Estão 13 países da UE no Afeganistão e não conseguimos tomar uma decisão sobre a Macedónia. Isto não pode continuar."

Aznar referia-se à decisão de assumir o comando da operação "Raposa Ruiva", que está na Macedónia ainda sobre responsabilidade da NATO e que deveria ser a primeira operação da força de reacção rápida da União.

O governante britânico, Tony Blair, preocupou-se fundamentalmente com sondar os seus parceiros para a eventualidade de uma ataque americano ao Iraque.

Blair só conseguiu manter uma longa conversa com o chanceler alemão Gerhard Schroeder e algumas consultas informais a outros líderes europeus. Mas a questão não foi tocada no jantar de sexta-feira, dedicado



à política externa. Todavia, a questão iraquiana não gera consenso, até mesmo junto da França. Jacques Chirac não foi muito longe nos seus comentários sobre o assunto, mas disse que "os dirigentes iraquianos teriam todo o interesse em levar a

sérios das decisões do Conselho de Segurança e os conselhos de Koffi Annan", sobre o regresso dos inspectores da ONU a Bagdad com liberdade total para controlarem o armamento iraquiano.

A Cimeira de Barcelona foi também palco de

um apelo lançado pelo primeiro-ministro turco, Bullent Ecevit, contra uma intervenção americana o Médio Oriente, acção que considerou altamente desestabilizadora para a precária situação desta região do globo.

M.R.

**À MARGEM DA CIMEIRA**

# A QUESTÃO ANGOLANA E A SOLUÇÃO SOLANA

Na cimeira europeia de Barcelona, uma das preocupações portuguesas, lateral à agenda principal do encontro de líderes, centrou-se no envolvimento dos Quinze na questão angolana.

Apesar da oposição da França, as conclusões da cimeira contemplam um breve parágrafo sobre Angola, no qual os Estados-membros da UE expressam "satisfação pelo anúncio da cessação das hostilidades anunciada pelo governo com vista a conseguir um cessar fogo completo."

O Conselho Europeu também se afirma satisfeito com a intenção de Luanda de "permitir a reorganização política da UNITA e a eleição da sua nova liderança."

A declaração final da cimeira menciona ainda a plena aplicação do Protocolo de Lusaka como base para o diálogo angolano, sob a égide da ONU

Numa carta dirigida ao comissário Chros Pattenm, responsável pelas relações externas, o ministro português dos Negócios Estrangeiros,



Jaime Gama, declara o seu "total apoio" ao envolvimento da Comissão no esforço que a comunidade internacional deve desenvolver, o político e o financeiro, para garantir as condições que permitam a paz em Angola, depois de trinta anos de conflito.

Portugal manifestou também oposição a algumas das soluções propostas no "relatório Solana" sobre a reforma do Conselho e das presidências.

A sugestão avançada pelo secretário-geral Javier Solana para resolver a questão das presidências semestrais – que o alargamento vem complicar –, não agradaram o Governo de Lisboa.

Solana defende que as eleições em questão se organizem por grupos de países e por um tempo muito mais longo.

Jaime Gama, já tinha deixado claro na sexta-feira que Lisboa não aceitaria soluções que abram as portas ao favorecimento dos grandes países.

M.R.





**A linha, que vem de Cavaco Silva, dum PSD preparado para governar sozinho, de que Durão foi sempre defensor, saiu derrotada nas urnas. É certo que vários continuarão ainda a defender esse modelo, mas ele terá de ser a breve trecho abandonado sob pena dos seus prosélitos se tornarem responsáveis pelo prolongamento da incerteza e da instabilidade.**

## E AGORA PSD/DURÃO BARROSO?

1. Pelo menos de 1985 para cá, estas foram as eleições de onde se saiu com mais incerteza acerca do formato político do governo que delas vai resultar. Seja por força do número de votos recolhidos pelo partido vencedor, seja pela clareza das declarações dos responsáveis políticos, em 87, 91, 95 e 99, no dia das eleições os portugueses ficaram a saber com que tipo de governo iam contar a seguir. Desta vez, nem os votos concedidos ao partido vencedor nem as declarações – vagas e imprecisas – proferidas pelo seu líder, ajudam a prever com segurança a fórmula de governo que avançará.

Qualquer que seja o resultado que se atinja e até o tempo em que se atinja, este grau de incerteza é prejudicial – e, em primeiro lugar, para as relações entre os portugueses e o sistema político. É que a incerteza quanto ao futuro governo não sai resolvida do acto eleitoral, como um efeito da vontade dos cidadãos, se-lo-á, quando o for, por obra de decisões e de negociações que já não são, necessariamente, imputáveis ao conjunto eleitoral que sustentará a solução, e onde haverá até posições contraditórias sobre o conteúdo dessas decisões e negociações. A natureza do governo não é directamente escolhida ou aprovada pelo eleitorado, emerge, sem pré-ânúncio, de um circuito de decisão pós-eleitoral – e isto é francamente menos bom para a legitimação e efectividade da solução de governo que for encontrada. O que a este respeito – governo – vier a ser decidido já depois dos votos tem, pois, também mais possibilidade de ser desfeito ainda antes de novos votos.

2. O eleitorado, ao colocar o PSD em primeiro lugar por escassa margem, atribuiu-lhe o dever de formar governo sob um estrito caderno de encargos – a necessidade de uma aliança com o PP. Qualquer que seja a modalidade ou a fórmula final, o PSD está politicamente incapacitado para enfrentar o Parlamento sem ser na base de tal aliança. Utilizando uma linguagem criminológica, dir-se-ia que o eleitorado aplicou ao PSD uma pena de “incapacitação para governar sozinho”. A linha, que vem de Cavaco Silva, dum PSD preparado para governar sozinho, de que Durão foi sempre defensor, saiu derrotada nas urnas. É certo que vários continuarão ainda a defender esse modelo, mas ele terá de ser a breve trecho abandonado sob pena dos seus prosélitos se tornarem responsáveis pelo prolongamento da incerteza e da instabilidade.

3. Sucede que o actual PP é, por várias razões, o mais difícil dos aliados, seja qual for o tabuleiro em que se coloque a aliança.

Poder-se-á dizer que o PSD, e através dele o País, enfrentará no processo de formação do novo governo, uma alternativa crítica. Por um lado, um governo solitário do PSD não oferece qualquer perspectiva de estabilidade (até aos olhos do próprio PSD). Por outro, um governo de aliança PSD-PP, dadas as características de ambos os partidos e lideranças, dificilmente oferecerá uma perspectiva de estabilidade superior. Aditemos a estas alternativas uma perversa qualificação adicional. Na primeira das hipóteses (governo solitário), o PSD poderia esperar que a consumação

da instabilidade revertesse em seu benefício; na segunda (governo com o PP), o PSD só poderia rezear que a consumação da instabilidade revertesse em benefício do PP. A experiência portuguesa ilustra bem como é mais fácil o partido menos votado tirar partido da ruptura duma aliança.

Pela força das circunstâncias, o PSD arrisca-se a não ter pela frente, como alguns dos seus dirigentes supõem, dois caminhos que o possam conduzir à fórmula da estabilidade – mas antes dois caminhos que, cada à sua maneira, o poderão converter num factor de instabilidade.

4. Concluo, assim, que é mais fácil que com o PSD nos aguarde a instabilidade do que a estabilidade.

Aqui chegados, diga-se que esse risco é infelizmente negativo para o País. É necessário evitar que o PSD fuja ao seu compromisso fundamental de assegurar a estabilidade e passe a cultor dissimulado da instabilidade como o caldo de cultura de uma ansiada ascensão eleitoral. Como é também necessário evitar que sejam artificialmente diluídas ou se procure agora compartilhar, como nunca no passado se aceitou, as responsabilidades de quem foi eleitoralmente capacitado para governar.

O PSD ansiou o regresso ao poder e declarou-se, para o efeito, preparado para governar. Cabe-lhe demonstrar que o estava. Os eleitores não lhe deram o primeiro lugar simplesmente para verificar se o PSD ainda dominava as técnicas de utilização do governo para converter em absoluta uma maioria que lhes não foi dada com essa característica.



**ALBERTO COSTA**



**FERRO RODRIGUES**

**FAZER BEM**

## PAULO CASACA NA APRESENTAÇÃO DO MANIFESTO "A EUROPA NO MUNDO DE HOJE"

O eurodeputado Paulo Casaca participou a semana passada, em Estrasburgo, na conferência de Imprensa de lançamento do manifesto "A Europa no mundo de hoje", documento em que vários eurodeputados do Partido Socialista Europeu lançam uma série de novas propostas para o debate sobre o futuro Velho Continente. O peso da UE na cena internacional e a forma como os europeus poderão melhorar a sua actuação no mundo com vista à prossecução de objectivos de paz e de estabilidade são os principais assuntos abordados no texto apresentado. Em declarações ao "Acção Socialista", o eurodeputado considerou que este segundo documento, com origem no chamado *Grupo Spinelli*, é um contributo "importante para a definição de uma estratégia de afirmação da

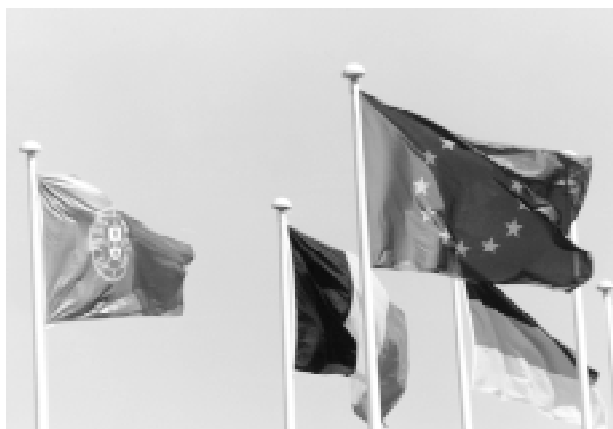
Europa no mundo", apontando caminhos no que respeita à evolução das instituições europeias. Segundo Paulo Casaca, o manifesto "parte dos acontecimentos de 11 de Setembro para recordar que a relação da União Europeia com o resto do mundo nunca esteve no centro das preocupações das instituições comunitárias, e que só agora se começam a dar passos sérios na área da segurança e defesa". Para deputado socialista a "relação da Europa com o resto do mundo é o maior desafio que a União tem pela sua frente".

O *Grupo Spinelli*, criado no âmbito do Grupo Parlamentar do Partido Socialista Europeu, é composto por deputados de várias nacionalidades, tendo integrado na sua constituição o então deputado António José Seguro. Liderado por Michel Rocard, este grupo foi o



autor do manifesto sobre o novo federalismo e está na base de propostas que mais tarde foram acolhidas pelo Conselho Europeu, como seja o

caso da criação de uma Convenção que preparasse o futuro da Europa, e que está agora pleno desenvolvimento.



## MANUEL DOS SANTOS DEFENDE FLEXIBILIDADE DO PACTO DE ESTABILIDADE

As referências que apontam para a necessidade de alguns Estados-membros atingirem um défice zero nas suas finanças públicas em 2004 são "um fetiche desajustado à realidade actual", afirmou o eurodeputado Manuel dos Santos, esta semana, na sessão plenária de Estrasburgo do PE. Ao intervir no debate sobre as linhas de orientação da política económica da Europa para os próximos anos - relatório Trentin -, o eurodeputado considerou que, apesar de o cumprimento do objectivo final do Pacto de Estabilidade (défice não superior a 3 por cento) se traduzir numa

referência estável e imperativa para toda a UE, a verdade é que deverá ser encarado com "uma adequada flexibilidade", que possibilite aos países da União utilizarem as políticas públicas como instrumentos de relançamento económico e de intervenção anticíclica. O comissário Pedro Solbes, igualmente presente na discussão, corroborou esta opinião e acrescentou que qualquer redução de impostos para fazer face a obrigações orçamentais terá que partir da existência de excedentes ou ser compensada com a redução da despesa pública.

## HELENA TORRES MARQUES QUER CORREIOS A CUMPRIREM FUNÇÃO SOCIAL

Os correios europeus devem poder continuar a cumprir a função social insubstituível que até agora têm desempenhado, permitindo o acesso de todos os consumidores, independentemente do lugar onde vivam, a um serviço mínimo e sem discriminações. A defesa desta ideia - um modelo de serviço universal para os serviços postais dos Estados-membros da UE - deverá ser, na opinião da eurodeputada Helena Torres Marques, a

principal prioridade nas negociações actualmente em curso na UE sobre a abertura à concorrência dos correios comunitários. Intervindo no debate sobre o tema realizado a semana passada em Estrasburgo a eurodeputada insistiu igualmente na necessidade de todo este processo ser controlado e gradual, e de haver a decisão conjunta do PE em todas as futuras fases de liberalização do sector.





## APROVADO RELATÓRIO CARRILHO SOBRE A COOPERAÇÃO DESCENTRALIZADA NA UE

O relatório da eurodeputada socialista Maria Carrilho sobre a cooperação descentralizada da UE foi aprovado por larga maioria na sessão plenária de Estrasburgo da passada quinta-feira. O Parlamento Europeu deu um sim largamente maioritário às propostas que a eurodeputada apresentou com o objectivo de contribuir para que a União Europeia aposte as suas capacidades em matéria de política exterior numa estratégia de relações de cooperação mais efectivas, e com maior sucesso no apoio ao desenvolvimento sustentável de vastas áreas do globo. Em concreto, foram obtidas garantias que um regulamento comunitário irá prolongar até finais de 2003 o actual regime da cooperação descentralizada, com um enquadramento financeiro de 24 milhões de Euros; e o empenhamento na consolidação da cooperação descentralizada enquanto vector da política europeia de cooperação que confere maior protagonismo aos actores locais (ONG's e outras estruturas da sociedade civil), incentivando a sua responsabilização no processo de desenvolvimento das respectivas sociedades e no relacionamento com os parceiros europeus. Ao intervir no debate que precedeu a aprovação do seu relatório de co-decisão, Maria Carrilho afirmou que esta área estratégica "é uma das únicas onde a Europa pode sair vencedora sem, por isso, produzir vencidos, e uma condição básica para um futuro com mais segurança e paz".

Segundo a eurodeputada, a cooperação

descentralizada é um instrumento que possibilitará à União Europeia atingir mais facilmente objectivos que assumem, hoje em dia, uma importância acrescida no contexto da política internacional. "Precisamente, as iniciativas e acções abrangidas pela linha de apoio a que se refere o Regulamento que serviu de base ao meu relatório destinam-se a promover um desenvolvimento participativo e uma maior diversificação e reforço da sociedade civil, assim como de várias estruturas a nível administrativo local, numa perspectiva de construção democrática e de redução da pobreza", sublinhou Maria Carrilho.

A Cooperação Descentralizada, segundo a exposição de motivos do relatório, "constitui uma nova abordagem à cooperação para o desenvolvimento, que coloca os agentes no ponto fulcral de implementação, tendo, por conseguinte, o duplo objectivo de orientar as acções e de as tornar viáveis". A Cooperação Descentralizada "tem por objectivo contribuir para que haja, a longo prazo, uma mudança efectiva nos procedimentos da União em matéria de cooperação para o desenvolvimento". Podem obter apoio da Comunidade acções e iniciativas de desenvolvimento sustentável propostas por agentes da Comunidade e dos países em desenvolvimento, destinadas, nomeadamente, a promover um desenvolvimento mais participativo, uma maior diversificação e reforço da sociedade civil, assim como da democratização de base nesses países.

## CARLOS LAGE QUER REFORÇO DOS APOIOS À PESCA NOS AÇORES E MADEIRA

"Julgo ser imperioso reforçar os apoios às actividades piscatórias das regiões ultraperiféricas, nomeadamente dos Açores e da Madeira, assumindo-se um regime de ajudas mais generoso do que aquele que é concedido actualmente", referiu o deputado Carlos Lage, na sessão plenária do PE, pouco antes de ver as propostas que apresentou no seu relatório serem votadas favoravelmente pela maioria dos eurodeputados. Carlos Lage chamou à atenção para a necessidade de as compensações pelo difícil escoamento dos produtos de pesca insulares passarem a ter um carácter permanente, "dada a natureza estrutural das desvantagens que as regiões ultraperiféricas enfrentam". O eurodeputado disse ainda concordar com o prolongamento até final deste ano do actual regime de ajudas, mas apenas na perspectiva de um novo regulamento vir a contemplar "a perenidade dos apoios e a sua readaptação". Nas razões apresentadas no relatório, o eurodeputado considera não haver "qualquer

dúvida sobre a conveniência da manutenção de instrumentos de apoio às regiões ultraperiféricas como o aqui considerado, tanto mais que o balanço da sua aplicação tem sido claramente positivo". Para Carlos Lage, "as desvantagens originadas pela ultraperiféricidade têm carácter estrutural, constituindo um obstáculo permanente para a comercialização dos produtos de pesca destas regiões". Entre essas desvantagens contam-se o grande afastamento das zonas de comercialização de produtos de pesca da União, a exiguidade dos mercados, as dificuldades de abastecimento regular e suficiente em matéria-prima para a indústria conserveira, o encarecimento dos custos de transporte e de energia, a necessidade de dispor de importantes reservas de peças de substituição para os navios. Registe-se ainda a crescente concorrência originada pela concessão de consideráveis vantagens comerciais a países terceiros e o facto de, nestas regiões, o sector das pescas ser especialmente importante do ponto de vista económico e social.



# LISBOA, 2004



**ANTÓNIO GALAMBA**

para que o Dr. Zé e a Eng<sup>a</sup>. Maria (já evoluíram, agora são doutores) possam pagar menos impostos”, dizia um cliente na ponta do balcão.

8:45 – O trânsito está insuportável. O túnel do Santana, das Amoreiras ao Marquês, ainda não saiu do papel, mas o Povo está animado com a realização do Euro 2004. Em Lisboa, com os novos Estádios do Benfica e do Sporting, após o escândalo do perdão fiscal ao primeiro, a cidade rejubila com os festejos. Desde 2001, que pode não haver dinheiro para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, mas para a festa, há sempre. O slogan “Lisboa sempre em festa” parece já ter sido interiorizado pela maioria dos cidadãos do Grande empresário ao arrumador de carros.

9:30 – Finalmente, a trabalhar, com os salários congelados desde 2002, o moral dos funcionários não é o melhor. Os dias passam ao ritmo do menor esforço, do estritamente necessário para não suscitar as críticas dos utentes, ou pelo menos, para não motivar muitas críticas. O desemprego continua a aumentar, dizem que é um factor de competitividade da economia portuguesa, como se atrás de cada número não estivesse uma pessoa que, eventualmente, suporta uma família. Voltámos ao tempo dos indicadores, dos índices e das percentagens.

11:00 – Chega-nos mais informações sobre os novos sistemas de saúde e de segurança social, agora parece que existem seguros de saúde para cuidados de primeira para quem possa pagar e o nosso

7:30 – Numa qualquer manhã, o despertador anuncia o fim das tréguas para o sono. Na rádio o jornalista dá conta de divergências na coligação governamental PSD-PP. Em causa está a extensão da flexibilização da legislação laboral, amplamente contestada pelos sindicatos e aplaudida pelos patrões. O primeiro-ministro que, durante a campanha, defendeu a flexibilização laboral no sector do turismo, hesita em ir mais longe, com receio de perder o apoio do eleitorado de centro, mas o PP exige mais. Cavaco Silva já afirmou que, mais uma vez tinha razão, Portas não estava a ser leal.

8:30 – No café, onde o pequeno-almoço é servido, comenta-se o aumento do pão, do leite, do peixe (mesmo do cherne) e de tudo o resto, por via do aumento do IVA em 2 pontos percentuais. “Agora, somos todos Portugal, todos pagamos o mesmo preço,

Dois anos após a chegada ao Poder a coligação de Direita continua sem dar respostas às situações criadas pela suspensão da co-incineração, da suspensão do rendimento mínimo e da construção do novo Aeroporto Internacional de Lisboa, na Ota.

debilitado Serviço Nacional de Saúde para os que não podem aceder aos pagamentos mensais do seguro. Na semana passada fomos visitados por um agente do fundo de pensões que nos acenou com as vantagens do sistema face a uma segurança social em vias de entrar em ruptura. Tudo isto é incentivado pelo enquadramento legal dado pelo Governo de Centro cada vez mais à Direita.

13:00 – O primeiro-ministro, depois de ter inaugurado a Auto-Estrada do Sul, entre Lisboa e o Algarve em 2002, prepara-se para a sessão de abertura do Euro 2004, no Estádio do Sporting. Insensível aos protestos dos cidadãos do Porto, afirmou ontem em entrevista que “o PSD sempre foi favorável à construção do novo Estádio das Antas, que será palco do jogo final da competição”. Barroso enfrenta também a contestação da nova direcção do Benfica inconformada com o negócio da troca do acolhimento da final do Euro 2004 pelo perdão fiscal.

15:00 – Dois anos após a chegada ao Poder a coligação de Direita continua sem dar respostas às situações criadas pela suspensão da co-incineração, da suspensão do rendimento mínimo e da construção do novo Aeroporto Internacional de Lisboa, na Ota. Os milhares de turistas que chegam a Portugal para acompanhar o Euro 2004 deparam-se com a saturação dos serviços. PSD e PP continuam a tentar afirmar a sua imagem sobre “um pretense país em escombros” herdado dos socialistas.

18:00 – É hora do regresso a casa. A rádio, a mesma que nos desperta para o dia-a-dia de um país a toque de privatizações e do “quem paga pode”, noticia a contestação de associações de pais e de estudantes para a liberalização da fixação das propinas por cada instituição escolar. Depois dos problemas com os professores – agora sujeitos a exames permanentes –, o Governo, que suspendeu a reforma curricular e introduziu aulas de canto – onde se aprende e canta o hino –, abre uma nova frente de intervenção para aumentar as receitas.

20:00 – Hora do jantar, a família está reunida à volta de uma bela sopa de peixe. O cherne, esse ícone da política nacional, está presente, mas dilui-se perante o ascendente de outros peixes mais acessíveis às bolsas de uma família de classe média, afrontada pela reforma fiscal em curso. Nas televisões, o grau de exigência, o profissionalismo e o critério jornalístico cedeu o passo a uma informação supostamente isenta, até parece que o Governo está coeso, determinado e Portugal, em dois anos, é já um modelo mundial de desenvolvimento.

Efémera ficção?

Lisboa, 2004, num dia como qualquer outro, num País em que a Direita exerce democraticamente o Poder, o pesadelo assume a dimensão de realidade, sem grande espaço para o sonho. Sem grande espaço, mas com a forte determinação de continuar a lutar pelos valores, os princípios e as propostas que melhor servem os portugueses e o País.

**Os deputados eleitos pelo Porto são, na sua maior parte, figuras de grande estatura intelectual e de reconhecido mérito profissional e político. Estarão actuaentes na AR e em consonância com a Direcção da bancada parlamentar e do Partido. Mesmo os independentes.**

# DO MAL... O MENOS



**JOSÉ SARAIVA**

os que têm uma clara noção das dificuldades que atravessa o Estado, e, também, de como se tecem os meandros do “aparelho do poder”. A experiência de ter sido governo ajudou muito a um partido que esteve uma década na oposição. Não há agora que “ter vergonha” – expressão que ouvi a Manuela Ferreira Leite, quando o PSD foi corrido do poder.

Há, é evidente, que reformular métodos e saber encontrar “pontos de equilíbrio” entre a maturidade e o rejuvenescimento. O PS viveu, estes anos todos, enfeudado à ideia de que era uma “máquina para eleições”. Não chega! Sempre me bati, no interior, para a necessidade de um outro aprofundamento e não para se tomarem decisões na véspera de as ter de assumir (quando não, até, horas antes...). Fui acrescentando desilusões...

O PS venceu no círculo eleitoral do Porto. Resistiu, por isso, à onda não muito forte que inundou o País e alagou o Norte. Mais: o PS venceu nos grandes concelhos urbanos do Porto a Gondomar, de Matosinhos a V. N. Gaia, a Valongo e a Vila do Conde. Ao conseguir isso, o PS/Porto conseguiu captar os votos dos que perceberam o que verdadeiramente se jogou no último domingo.

À nossa esquerda quer o BE quer o PCP (aqui, sem dúvida, resultado de uma estranha e inadmissível exclusão de João Amaral) a representação mantem-se: 2 deputados. A Direita (PSD+CDS) fortaleceu-se (mais 3).

Há, por isso, uma relativa satisfação. Não é, todavia, suficiente. Há então, que procurar explicações. Ir ao fundo das coisas. Não agora, já. Com tempo!

O PS dispõe hoje de novas capacidades. São muitos

E agora?

No Porto, há que reflectir ainda mais. Voltaram-se várias páginas. Desde a derrota na Câmara do Porto – inesperada, mas hoje compreensível... – até aos maus resultados autárquicos em “centros urbanos” como V. N. Gaia ou em Gondomar, a realidade de 17 de Março veio mostrar com eloquência que há uma imenso trabalho a fazer. Nas estruturas de base ou concelhias.

Não se defende um partido de “células” – mas uma organização que tenha actividade. Que estude e que analise os adversários e os seus comportamentos e não reaja apenas à exibição das suas políticas. É preciso ter vontade de sofrer, durante quatro anos, para, na hora de responder saber responder. Estar atento e denunciar o que deve ser e não aceitar a inevitabilidade.

Claro que há os que pretendem “cavalgar sobre as ruínas incandescentes”. Procuram palcos para as suas “pequenas vaidades” – sem se lembrarem das suas próprias responsabilidades no fogo que levou ao incêndio... No PS/Porto isso já sucede, infelizmente. Temos de combater isso, não porque temos de nos comportar de modo irredutível, mas porque não é esartejando o PS que se modifica a forma de ser de uma organização que resistiu à erosão natural.

O PS no Porto venceu. Como tinha acontecido em 95 e em 99. Mas poderíamos ter feito melhor? Certamente. Só que quem nos atira a “primeira pedra” é quem está dentro de casa, certamente, até, imagino, a desejar que os socialistas portugueses não tivessem este pequeno sucesso... Se ao menos tivessem a coragem e a dignidade de olharem para os seus comportamentos e para as suas próprias “casas”...

Os deputados eleitos pelo Porto são, na sua maior parte, figuras de grande estatura intelectual e de reconhecido mérito profissional e político. Estarão actuaentes na AR e em consonância com a Direcção da bancada parlamentar e do Partido. Mesmo os independentes. O que nunca deixarão é de pensar pela sua própria cabeça – mas serão solidários com Ferro Rodrigues.

Nestas horas amargas, temos de saber escolher o caminho – não o da facilidade mas a do esforço que requer solidez. Temos um rosto. Temos vários rostos. É indispensável ajudá-los, porque esta é apenas uma etapa da gloriosa presença do PS na sociedade portuguesa, em quem mais de 2 milhões confiam!

**Para os portugueses, será tudo uma questão de tempo. Em primeiro lugar para começarem a sentir os efeitos de um Governo que não se funda no binómio solidariedade / liberdade; e em segundo lugar para perceberem que é no Partido Socialista, verdadeiramente refundado após 16 de Dezembro, que reside a esperança e a certeza de um Portugal livre e solidário.**

“Os bois são lentos, mas a terra é paciente”, é um velho e conhecido provérbio popular chinês, que me apetece recordar a propósito da actual situação política.

Não está, para mim, em causa a legitimidade da vitória dos nossos adversários, no passado dia 17 de Março; vivemos num regime democrático onde a alternância é um mecanismo absolutamente normal.

Confesso-vos, contudo, que sou assaltado por um conjunto de dúvidas que me inquietam e que me fazem prever dificuldades para os portugueses.

Desde logo, quero dizer-vos que não tenho a pretensão de escarpelizar, em absoluto, essas dúvidas mas, antes as substantivo numa expressão única: coesão social.

Efectivamente, tenho, cada vez mais, a sensação que a coesão social – alicerce essencial da estabilidade de um país – irá sofrer abalos consideráveis.

Esta minha “premonição” resulta da aceção que tenho de coesão social onde gosto (não sei se erradamente) de incluir cinco domínios que considero essenciais: o social, o económico, o institucional, o territorial e o das referências simbólicas.

Não me parece difícil concluirmos que a coligação governativa que se avizinha, tem nestes domínios posições divergentes ainda que a matriz ideológica seja aparentemente a mesma.

Recordo-me, por exemplo, da postura neoliberal do PSD relativamente ao sistema de segurança social que se mescla numa visão caritativa do PP, transformando-se o Estado num ente protector e tutelar que não conduz à dignidade humana, mas sim a uma certa forma de apatia social.

O plano económico encontra-se comprometido, em minha opinião, sobretudo pela distorção que acredito que existirá no que toca ao conceito de produtividade. Este “chavão” tão utilizado durante toda a campanha, de que forma pretendem operacionalizá-lo? Que custos sociais lhe vão imputar?

Nos planos institucional e territorial cruzam-se preocupações igualmente importantes que vão desde o acesso aos mais diversos serviços, até à utilização humana do nosso território, pelos naturais, mas também pelos milhares de migrantes que acolhemos.

Parece-me pois que o nosso Portugal, porto de abrigo de gerações e gerações de mulheres e homens se poderá tornar num território “xenófobo” e “refractário” ao nosso semelhante.

Corremos, pois, em minha opinião o risco sério de iniciarmos um percurso de clivagem social onde só alguns poderão sobreviver e em com dignidade.

## FAZER BEM PORQUE É PRECISO!

Relativamente ao último domínio – que considero constitutivo da coesão social – as referências simbólicas, sou igualmente assaltado pela dúvida e pelo temor dos contornos que a nossa identidade social, a nossa auto-estima, a nossa capacidade de iniciativa, o nosso sentido de pertença social possam a vir a ter e a tomar.

Confesso-vos, pois, que me sinto assustado com a nossa futura governação, pois para além das contradições que sabemos lhe vão estar iminentes, fruto dos seus elementos constitutivos, avizinha-se certamente – antes me engane – um período de prevalência económica que quererá justificar todos os apertos que nos irão imputar.

Para os portugueses, será tudo uma questão de tempo. Em primeiro lugar para começarem a sentir os efeitos de um Governo que não se funda no binómio solidariedade / liberdade; e em segundo lugar para perceberem que é no Partido Socialista, verdadeiramente refundado após 16 de Dezembro, que reside a esperança e a certeza de um Portugal livre e solidário.

Quero terminar, afirmando que hoje mais do que nunca o nosso Ferro Rodrigues, o nosso Partido Socialista tem que *Fazer Bem, porque é preciso (acrescento eu), porque o país exige, dirão os portugueses.*



**PAULO ALBERNAZ**

**PORTUGAL SOCIALISTA**  
POLÍTICA CONTRA A POBREZA E A EXCLUSÃO

**MIGRAÇÕES**

**MIGRAÇÕES**

Nova edição em breve nas bancas

# A SEMANA PREVISTA

SEG.  
TER.  
QUA.  
QUI.  
SEX.  
SÁB.  
DOM.

A análise dos resultados eleitorais será o principal ponto em discussão na reunião da Comissão Política e dos presidentes das Federações desta noite, onde também se deverá começar a delinear a estratégia para a realização do anunciado congresso extraordinário.

O Presidente da República, Jorge Sampaio, deverá indigitar o próximo primeiro-ministro tendo em conta os resultados eleitorais das legislativas de 17 de Março.

Será entregue por José Sócrates ao Conselho Nacional da Água um estudo do Ministério do Ambiente que sugere alterações à Lei Nacional da Água e adequa a lei portuguesa à Directiva-Quadro da Água.

"Ideias e Políticas para o Nosso Tempo" é o tema da próxima conferência organizada pela Fundação Mário Soares e pela Universidade do Minho que se realizará hoje, às 15.30h, no auditório desta fundação, em Lisboa.

Com a presença do ministro da Cultura, Augusto Santos Silva, assinalando o Dia Mundial da Poesia que se celebra a 21 de Março, terá lugar no Teatro Nacional D. Maria II, ao fim da tarde, a leitura de poemas por actores e poetas portugueses.

Terá lugar o escrutínio dos votos da emigração. Em causa está a atribuição de quatro mandatos que embora não alterem o quadro parlamentar, reforçam com certeza a bancada socialista.

## ACÇÃO SOCIALISTA

### INFORMAÇÕES ÚTEIS

**FUNDAÇÃO ANTERO DE QUENTAL**  
TEL. 21 301 35 34  
FAQ@ONINET.PT

**FUNDAÇÃO JOSÉ FONTANA**  
TEL. 21 301 38 08 / 21 301 39 09  
FJJ@MAIL.TELEPAC.PT

**FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES**  
TEL. 21 396 41 79 / 21 396 41 56  
OSITA@FMSOARES.PT

**ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE RADIODIFUSÃO**  
TEL. 21 301 69 99 / 21 301 54 53  
APR@IP.PT

**FUNDAÇÃO FRIEDRICH EBERT**  
TEL. 21 357 33 75  
NP42YE@MAIL.TELEPAC.PT

**FUNDAÇÃO GULBENKIAN**  
TEL. 21 782 30 00  
INFO@GULBENKIAN.PT

**FUNDAÇÃO ORIENTE**  
TEL. 21 358 52 00  
FUNDORIENTE@FORIENTE.PT



ÓRGÃO OFICIAL DO PARTIDO SOCIALISTA  
Propriedade do Partido Socialista

### FICHA TÉCNICA

Director **António José Seguro**

Director-adjunto **Silvino Gomes da Silva**  
silvino@partido-socialista.pt

Coord. Administrativo e Financeiro **José Manuel Viegas**  
Grafismo **Miguel Andrade**

Redacção **J.C. Castelo Branco**  
castelbranco@partido-socialista.pt

**Mary Rodrigues**  
maryr@partido-socialista.pt

Secretariado **Sandra Anjos**  
sandraanjos@partido-socialista.pt

Paginação electrónica **Francisco Sandoval**  
fsandoval@partido-socialista.pt

Edição electrónica **Joaquim Soares**  
**José Raimundo**  
**Francisco Sandoval**

Internet **www.ps.pt/accao**  
E-mail **Accao.Socialista@partido-socialista.pt**

Redacção, Administração e Expedição **Avenida das Descobertas 17**  
**Restelo - 1400-091 Lisboa**  
**Telefone 21 3021243 Fax 21 3021240**

Toda a colaboração deve ser enviada para o endereço referido

Depósito legal N° 21339/88; ISSN: 0871-102X

Impressão **Mirandela, Artes Gráficas SA**  
**Rua Rodrigues Faria 103, 1300-501 Lisboa**



**Quero assinar o Acção Socialista na modalidade que indico**  
Junto envio o valor da assinatura

**Quero renovar a assinatura**  
Junto envio o valor da assinatura

- Cheque  
 Vale de correio  12 meses

Por favor remeter este cupão para:

**Acção Socialista**  
Avenida das Descobertas, 17 - Restelo  
1400-091 Lisboa

Nome \_\_\_\_\_  
Morada \_\_\_\_\_  
Localidade \_\_\_\_\_ Código Postal \_\_\_\_\_

Assinaturas	12 meses	
	52 números	
Continente	25 €	O valor das assinaturas de apoio é livremente fixado pelos assinantes a partir dos valores indicados
Regiões Autónomas	32 €	
Macau	54 €	
Europa	63 €	
Resto do Mundo	92 €	